

***O Feminismo como uma “aracnologia” e uma in-disciplina: tópicos para
re-pensar o Feminismo hoje***

(in *Género e Ciências Sociais*, org. Sofia Neves, Castelo da Maia: Edições ISMAI, 2011, pp. 41-47)

Ana Gabriela Macedo

(Universidade do Minho)

Será o Feminismo a consciência política do Pós-modernismo? Esta provocadora questão, colocada por Laura Kipnis num ensaio de 1989, permanece ainda crucial no seio do debate sobre o lugar do Feminismo no mundo de hoje. Vários são os críticos que, desde o início dos anos oitenta, se vêm debruçando sobre esta questão, devido, em grande parte, à crescente problematização que as próprias mulheres, em distintos domínios, concretamente nas artes visuais assim como na literatura, trouxeram ao próprio debate do Pós-moderno, e ainda à sua relação com a realidade envolvente e a prática social quotidiana. Se aceitarmos que o Feminismo instaura de facto uma “estratégia política concreta” no debate do Pós-moderno, contrariando as acusações pessimistas de um Jean Baudrillard ou de um Fredric Jameson, então aquele poderá deixar de ser visto como “a expressão de uma cultura mergulhada na nostalgia de um centro perdido” (Suleiman, 1991:116). Por seu lado, as estratégias de desnaturalização pós-moderna aliadas à politização do desejo” que o Feminismo reclama como suas, contribuem decisivamente para uma “subversão paródica a partir de dentro” (Hutcheon, 1989) ¹, isto é, uma re-visitação irónica da memória, que não é nostálgica, nem a-histórica, mas sim crítica e ideologicamente

¹ Vide Linda Hutcheon, “The politics of parody”, in *The Politics of Postmodernism*, Routledge, London, 1989 (pp. 93-117). “But this parodic reprise of the past of art is not nostalgic; it is always critical. (...) Instead, through a double process of installing and ironizing, parody signals how present representations come from past ones and what ideological consequences derive from both continuity and change” (p.93).

assumida. A arte feminista contemporânea é disso um vivo testemunho (veja-se, entre outras, a obra paradigmática de Paula Rego).

A insistência na necessidade da “fertilização cruzada” entre o Feminismo e o Pós-modernismo tornou-se assim na tônica do pensamento crítico de ambos os movimentos durante os anos 90. Contudo, é fundamental que tanto o Feminismo como o Pós-modernismo mantenham um elevado grau de consciência crítica (dos seus objectivos e agendas próprias), de modo a não se aniquilarem mutuamente enquanto teoria crítica e modo de intervenção no mundo.

No que diz respeito à relação privilegiada do Feminismo com a Arte, poderemos sem dúvida afirmar que, particularmente a partir dos anos 80 e 90 do século XX, se produziu um corpo de trabalho teórico, crítico e criativo que contribuiu decisivamente para esse resgatar da memória no feminino e para um mapear mais equitativo da Arte, mas sobretudo para a inscrição da diferença e da heteroglossia feminina nos cânones da Arte, ou, num contraponto ao canónico “sorriso da Gioconda”, para o resgatar do “poder revolucionário do riso feminino” (Jo Ann Isaak, 1996). Veremos aqui alguns casos concretos dessa prática artística no feminino.

Com base nestas premissas e no âmbito desta mesa-redonda, proponho-me realçar os seguintes pontos neste contexto, no intuito de provocar uma reflexão crítica em torno da diversidade do Feminismo(s) hoje, fruto, em larga medida, do anti-essencialismo que o caracteriza:

1- A *arte* feminista como *uma corpografia re-localizada*, isto é, a arte como denúncia ideológica, e a insistência no que poderemos chamar uma “política cultural” do corpo. Historiadoras de arte e críticas feministas tais como Griselda Pollock (1987; 1988; 1996), Linda Nochlin (1989) ou Lynda

Nead (1992) têm vindo a debruçar-se consistentemente sobre estas questões, particularmente desde o final dos anos setenta do século XX. É de assinalar neste contexto a obra pioneira de artistas plásticas tais como Louise Bourgeois, Mary Kelly, Helen Chadwick, Cindy Sherman, Jo Spence, Barbara Kruger, Jenny Saville, assim como Paula Rego, Helena Almeida ou Joana Vasconcelos, no contexto português.

Por sua vez, tal como Stuart Hall notou, o questionamento do corpo no âmbito do Feminismo é inseparável da problematização da identidade do sujeito, conceito este que sofreu, nos últimos anos, “uma verdadeira explosão discursiva” no âmbito de uma imensa variedade de áreas disciplinares, todas elas, e cada uma a seu modo, empenhadas na desconstrução crítica de uma noção de identidade integral, originária e unificada².

2- O compromisso – o engajamento social e político num sentido lato.

3- A heteroglossia, a polifonia, a diferença – o ser “positivamente outra”, numa reformulação do conceito de alteridade proposto por Rosi Braidotti (1994; 1997)

4- A *contra/dicção* feminina – o questionamento e subversão da própria linguagem enquanto modo de “dizer o mundo”, dizendo-o de um “outro modo”, fruto de uma *re-visão* (Irigaray 1985, Macedo e Amaral, 2005).

5- A dimensão da ironia e do riso na arte feminista como estratégias criadoras de distância crítica para uma desconstrução da realidade, enquanto catalisadoras de significativas “práticas de des-identificação” entre o sujeito e o mundo contemporâneo (Pollock, 1988; Macedo, 2006 e 2010).

² Hall, Stuart, “Who needs ‘identity’?” in *Identity: a Reader*, Paul du Gay, Jessica Evans e Peter Redman (eds.), London: Sage, 2000, p.15.

6- A insurreição dos limites, das fronteiras do corpo e dos modelos patriarcais que lhe são designados, o *corpo-escândalo* (Isaak, 1996; Macedo, 2005).

7- A dimensão de **utopia**, fundamental ainda no Feminismo hoje, característica das Vanguardas emancipatórias, à qual estão ligadas duas questões fundamentais na arte feminista contemporânea: o *empoderamento* e o *agenciamento* femininos, o ver-mulher, o dizer-mulher, o ser sujeito e não objecto.

8- O Feminismo como uma *aracnologia* (retomando um conceito de Nancy Miller (1986), utilizando uma metáfora que subverte a noção estruturalista de “morte do autor”, particularmente através de Roland Barthes, (a noção de texto como tecido, *travessia*, multiplicidade de leituras, de vozes e de significações), re-posicionando-a no feminino, através da imagem do labor da “aranha”, ou da teia de Penélope. Veja-se as inúmeras representações desta metáfora na arte feminista, nomeadamente de uma figura tutelar cuja produção artística atravessa grande parte do século XX, Louise Bourgeois, ou ainda da fotógrafa próxima do Surrealismo, Dora Maar, (Figs. I e II).

Nancy Miller no ensaio a que nos reportamos acima, “Arachnologies: The Woman, the Text, the Critic” (1986)³, partindo do consagrado texto de Roland Barthes, “Le Plaisir du texte” (1973) e da noção de texto como “textura” ou “tessitura” (“tissue”), desenvolve uma retórica da textualidade feminina articulando a criatividade no feminino com a actividade tradicional empírica e o saber cultural das mulheres, estendendo-a depois ao conceito de “ginocrítica” de Elaine Showalter (1981), ou de “ginese”

³ Nancy Miller, “Arachnologies: The Woman, the Text, the Critic”, in *The Poetics of Gender*, Nancy Miller ed., Columbia U.P., New York, 1986, (270-295). Neste texto, ironicamente, Miller escreve: “(...) if Barthes had been less fond of neologisms, and a feminist, he might have named his theory of text production an “arachnology” (p.271).

(“gynesis”) sugerido por Alice Jardine (1985) ou ainda por Gayatri Spivak (1983)⁴.

Importa ainda salientar neste contexto a revisão do cânone feita a partir da obra crítica de feministas como Annette Kolodny, Ellen Moers, Elaine Showalter, Adrienne Rich, Alice Walker, Sandra Gilbert e Susan Gubar⁵, entre outras, como uma alternativa à celebração do cânone patriarcal dos génios da Tradição Ocidental, segundo Harold Bloom⁶, estoura baseada numa linha genealógica matrilinear, assente numa retórica figurativa feminina. E cito (a partir de um ensaio de Susan S. Friedman)⁷:

“Imagens de mulheres usando o tear e a agulha, figuras ancestrais tecendo, ou fiando – tornaram-se centrais na retórica da criatividade feminina durante o crescimento e o apogeu da teoria e da crítica feminista nos Estados Unidos dos anos 1970 e 80”⁸.

⁴ Veja-se de Elaine Showalter, “Toward a Feminist Poetics” (1979) e “Feminist Criticism in the Wilderness” (1981), ambos publicados de novo em *The New Feminist Criticism*, ed. Elaine Showalter, Virago, London, 1989; Alice Jardine, *Gynesis: Configurations of Woman and Modernity*, Ithaca: Cornell U.P., (1985). Em 1982, Jardine publicara já, na revista *Diacritics*, (Summer 1982), um ensaio intitulado “Gynesis”. Ainda neste âmbito, veja-se o ensaio de Gayatri Spivak, “Displacement and the Discourse of Woman”, in *Displacement: Derrida and After*, ed. Mark Krupnick, Indiana U. P., Bloomington, 1983. Para uma discussão do conceito em português, veja-se o verbete “Ginocrítica” no *Dicionário da Crítica Feminista*, Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (orgs.), Porto, Afrontamento, 2005 (88-9).

⁵Annette Kolodny, “A Map for Misreading: Or, Gender and the Interpretation of Literary Texts” (1980), in *The New Feminist Criticism*, ed. Elaine Showalter, Virago, London, 1986; Ellen Moers, *Literary Women: the Great Writers*, N. Y., 1976; Elaine Showalter, *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*, London, Virago, 1979; Adrienne Rich, *On Lies, Secrets and Silence: Selected Prose 1966-1978*, W.W. Norton and Co., N.Y., 1979; Alice Walker, *In Search of Our Mothers's Gardens*, N. Y., 1983; Nancy Miller, *The Poetics of Gender*, Nancy Miller ed., Columbia U.P., New York; Susan Gilbert and Susan Gubar, *The Mad Woman in the Attic: The Woman Writer in the 19th century Literary Imagination*, New Haven, 1979; *Shakespeare's Sisters: Feminist Essays in Women's Poets*, Indiana U. P., Bloomington, 1979; *No Man's Land: the Place of the Woman Writer in the 20th century*, vol. I, New Haven, 1988.

⁶ Veja-se de Harold Bloom, *The Anxiety of Influence*, N.Y., O.U.P, 1973; *A Map of Misreading*, N.Y., O.U.P., 1975; *The Western Canon: Books and Schools of the Ages*, Harcourt Brace & Co., New York, 1994. (Neste último, num espectro de 26 “grandes autores” de todos os tempos, apenas 4 são mulheres, Jane Austen, George Eliot, V. Woolf e Emily Dickinson).

⁷ Susan Stanford Friedman, “Migration, Encounter and Indigenisation: New Ways of Thinking about Intertextuality in Women's Writing”, in *op. cit.*, *European Intertexts*, vol. 13, 2005 (pp. 215-271). Neste ensaio a autora foca particularmente o contributo da crítica feminista no âmbito da intertextualidade.

⁸ “Figures of women at the loom and needle, women weaving, crones spinning – these became central tropes of women's creativity during the rise and heyday of feminist theory and criticism in the United States in the 1970s and 1980s” (Friedman, 2005: 215).

O conceito abstracto de intertextualidade transforma-se assim em actividade corporalizada e sexualizada, histórica e politicamente ancorado em noções concretas de género, sexo e raça.

9- Fundamental em todo este mapeamento das novas corpografias do feminino é o gesto performativo enunciado por Adrienne Rich num texto pioneiro, o famoso ensaio “When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision”(1979) ⁹, no qual defende o conceito de *re-visão* como estruturante de todo o olhar e toda a crítica feminista. Rich reclama neste ensaio a **re-visão da história cultural** não apenas enquanto afirmação intelectual e política, mas como uma prioridade de *sobrevivência* para as próprias mulheres. Conceito este, por outro lado, em sintonia com a *localização e o mapeamento* das novas cartografias do feminino, defendido por críticas como Rosi Braidotti, Susan Stanford Friedman, ou ainda Linda Nochlin e Lynda Nead, já atrás referidas.

10- Por fim, o Feminismo como **indisciplina, ruptura de fronteiras e performatividade**.

A explosão de limites e fronteiras entre as disciplinas, a polinização e fertilização cruzada entre as várias metodologias das Ciências Humanas, por um lado a “liminaridade” (Victor Turner 1977, Stuart Hall, 2000) e a insurreição contra as fronteiras do saber que o caracteriza enquanto teoria crítica, isto é, modo de pensar a realidade criticamente e a permanente reinvenção das suas práticas discursivas e modos de intervenção na *praxis* quotidiana. Modo *rizomático* de pensar as disciplinas e *desestabilização* de

⁹ “Re-vision – the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction – is for women more than a chapter in cultural history: it is an act of survival”. Adrienne Rich, “When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision”, in *On Lies, Secrets and Silence. Selected Prose 1966-1978*, W.W. Norton & Company, New York and London [1971; 1979], 1995 (p.35). Para uma tradução deste ensaio em português veja-se a Antologia, *Género, Identidade e Desejo*, Macedo org. (2005).

concepções normativas tidas como únicas, e legitimizadas enquanto tal (Butler 1990, 1993).

Deste modo, se o Feminismo enquanto teoria crítica se caracteriza pela sua transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade, isto é, “local de convergência e de diálogo entre as disciplinas”¹⁰, é a sua *interdisciplinaridade* enquanto modo performático e operacional de pensar e intervir na realidade que mais acutilantemente o definem.

Termino evocando o texto já histórico de Alicia Ostriker¹¹ sobre o Feminismo e o “roubo da palavra”, traduzindo a apropriação, desconstrução e reinvenção de linguagens, mundos e modos de dizer/fazer a realidade cultural que nos rodeia.

Imagens *Aranhas* L Bourgeois e Dora Maar

Unveiled/ Sem Véu, arte nova do Médio Oriente (Kader Attia e Shadi Ghadirian)

¹⁰ Expressão usada por WTJ Mitchell no ensaio “Interdisciplinarity and Visual Culture” (*Art Bulletin*, Dec. 1995, vol. LXXVII, n.4, (pp.540-544), reportando-se ao domínio da *Cultura Visual*. Mitchell afirma que esta “não é uma disciplina mas uma *interdisciplina*, um local de convergência e de diálogo entre as disciplinas” (541).

¹¹ Alicia Ostriker, *Stealing the Language: The emergence of women’s poetry in America*, Beacon Press, 1986.

Bibliografia

- Beauvoir, Simone de, *O segundo sexo*. Lisboa: Bertrand, 1976[1949]. v. I e II
- Benhabib, S., Butler, J., Cornell, D., and Fraser, N., eds., *Feminist Contentions, A Philosophical Exchange*, Routledge, N.Y. and London, 1995.
- Bordo, Susan, "Feminism, Foucault and the politics of the body" in Caroline Ramazanoglu ed., *Up Against Foucault: Exploration of some Tensions between Foucault and Feminism*, London and New York, Routledge, 1993.
- Bordo, Susan, *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture and the Body*. Berkeley. Los Angeles and London, University of California Press, 1993.
- Braidotti, Rosi, *Between The No Longer and The Not Yet: Nomadic Variations On The Body*, ("Bologna International Women's Conference", Sept. 2000; <http://4thbo.women.it/plenary/braidotti.htm>), 2000.
- Braidotti, Rosi. *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. New York: Columbia Univ. Press, 1994.
- Braidotti, Rosi, "Comment on Felski's *The Doxa of Difference: Working Through Sexual Difference*." *Signs*, v. 23, n. 1, 1997. p. 23-40.
- Bryson, Norman, "Intertextuality and Visual Poetics" in "Visual Poetics". *Style* 22, (2), Summer, 1988, pp. 183-193.
- Bryson, Norman, *Vision and Painting: The Logic of the Gaze*, New Haven: Yale U.P., 1983.
- Butler, Judith, *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*, N.Y. and London, Routledge, 1993.
- Butler, Judith, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, New York & London, Routledge, 1990.
- Butler, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. New York and London: Routledge, 1993.
- De Lauretis, Teresa. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

Deepwell, Katy ed., *New feminist art criticism*, Manchester and New York: Manchester U.P.1995.

Ecker, Gisela, ed., *Feminist Aesthetics*, London, Virago, 1982.

Evans, Jessica and Hall, Stuart, eds., *Visual Culture: The Reader*, London, Thousand Oaks, New Delhi, Sage Publications, 1999.

Foucault, Michel, *The History of Sexuality, vol. I: An Introduction*, New York, Pantheon, 1978.

Friedman, Susan Stanford, *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*, Princeton, Princeton University Press, 1998.

Gatens, Moira, *Imaginary bodies: ethics, power, corporeality*, New York and London, Routledge, 1996.

Greenblatt, Stephen, Introduction to *Interart Poetics. Essays on the Interrelations of the Arts and Media*. Amsterdam, Rodopi, 1997.

Grosz, Elizabeth, *Space, Time and Perversion: Essays on the Politics of Bodies*, N.Y. & London, Routledge, 1995.

Grosz, Elizabeth. *Space, Time and Perversion: Essays on the Politics of Bodies*. New York and London: Routledge, 1995.

Hall, Stuart, "Who needs 'identity'?" in *Identity: a Reader*, Paul du Gay, Jessica Evans e Peter Redman (eds.), London: Sage, p.15, 2000.

Haraway, Donna, *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*. London: Free Association Books, 1991[1985].

Hutcheon, Linda, "Fringe Interference: Postmodern Border Tensions" in *Style*, vol. 22, n°2, Summer, pp. 299-323, 1988b.

Hutcheon, Linda, *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*, London, Routledge, 1988a.

Huyssen, Andreas, *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture, Post-modernism*, Bloomington, Indiana University Press, 1986.

Irigaray, Luce, *Parler n'est jamais neutre*, Paris, Ed. de Minuit, 1985.

Isaak, Jo Ann, *Feminism and Contemporary Art: The Revolutionary Power of Woman's Laughter*, Routledge, London and New York, 1996.

Jameson, Fredric, "Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism", *New Left Review*, July-August, 1984, 53-92.

Kelly, Jane, “Picturing Women: Western Women Artists and Self-representation 1970-95” in *From the Interior: Female Perspectives on Figuration* (Fran Loyd, ed.), London, Kingston Univ. Press, 1997.

Macedo, Ana Gabriela e Amaral, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.

Macedo, Ana Gabriela, “Scandalous Bodies. Visual Poetics and the politics of representation”, in *European Intertexts: Women’s Writing in English in a European Context*, eds. Patsy Stoneman, Ana-Maria Sanchez-Arce and Angela Leighton, Peter Lang, Oxford and Bern, 2005 (177-191).

Macedo, Ana Gabriela e Grossegese, Orlando, org.,. *Re-presentações do Corpo/Representing the Body*, Braga, CEHUM, 2003.

Macedo, Ana Gabriela, “A retórica da imagem fotográfica e a pós-modernidade: liminaridade, cumplicidade e crítica”. In: *Entre Artes e Culturas, Act 2*. Helena Carvalhão Buescu e João Ferreira Duarte, org. Centro de Estudos Comparatistas. Lisboa: Colibri, 2000, pp.39-54.

Macedo, Ana Gabriela, “Cartografias do feminino – Género, representação, identidade, in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, vol. 25, ISPA, Lisboa, 2004, pp. 29-42.

Macedo, Ana Gabriela, “*Herstories*: new cartographies of the feminine and the ‘politics of location’”, in Fortunati, Vita, Lamarra, Annamaria e Federici, E., eds., *The Controversial Women’s Body: Images and Representations in Literature and Art*. Bononia, Bononia University Press, 2004, pp.71-86.

Macedo, Ana Gabriela, “Poéticas Visuais e Reconfigurações do Corpo” in *Cadernos de Literatura comparada*, 10-11, Porto, Afrontamento, 2005, pp. 36-48.

Macedo, Ana Gabriela, *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Cotovia, Lisboa, 2005.

Macedo, Ana Gabriela, “Through the looking-glass: Paula Rego’s visual rhetoric, an ‘aesthetics of danger’”, in *Textual Practice* 15(1), 2001, pp. 67-85.

Macedo, Ana Gabriela, “Mulheres, Arte e Poder”, in *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, 11/12, Dez. 2006, ESAP, Porto- Guimarães, pp.22-35.

Macedo, Ana Gabriela, *O sorriso da Gioconda: Feminismo, arte e performance*, Actas do Colóquio Simone de Beauvoir; Univ Católica Portuguesa, org. Isabel Capelo Gil, Vega, Lisboa (no prelo)

- Marks, Elaine and de Courtivron, Isabelle, eds., *New French Feminisms: An Anthology*, New York, Schocken Books, Univ. of Mass. Press, 1981.
- McNay, Lois, *Foucault and Feminism: Power, Gender and the Self*, Cambridge, Polity Press, 1992.
- Nead, Lynda, *The Female Nude: Art, Obscenity and Sexuality*, N.Y. and London, Routledge, 1992.
- Nochlin, Linda, "Women, Art, and Power", in Norman Bryson, Michael Ann Holly and Keith Moxey (eds.), *Visual Theory*, Polity Press, Cambridge, 1991, pp. 13-46.
- Nochlin, Linda, *Women, Art and Power and other Essays*, London, Thames and Hudson, 1989.
- Ostriker, Alicia *Stealing the Language: The emergence of women's poetry in America*, Beacon Press, 1986.
- Owens, Craig, "The Discourse of Others: Feminists and Post-Modernism". In: Hal Foster ed. *The Anti-Aesthetic*. Port Townsend: Bay Press, 1983, pp. 57-77.
- Owens, Craig, "The Medusa Effect", in *We won't play nature to your culture. Works by B. Kruger*, London, ICA, 1983.
- Parker, Rozsika & Pollock, Griselda, eds., *Framing Feminism: Art an the women's movement 1970-1985*, London: Pandora Press, 1987.
- , *Old Mistresses: Women, Art & Ideology*, Pandora, London, 1981.
- Perry, Gill, ed, *Gender and Art*, New Haven & London: Yale U.P.& Open Univ., 1999.
- Pollock, Griselda, "Vision Voice and Power: Feminist Art History and Marxism", Block n.6, pp.2-21.
- Pollock, Griselda, ed., *Generations and Geographies in the Visual Arts*. London and New York: Routledge, 1996.
- Pollock, Griselda, *Vision and Difference: Femininity, Feminism and the Histories of Art*, N.Y. and London, Routledge, 1988..
- Price, Janet and Shildrick, Margrit, eds., *Feminist Theory and the Body: A Reader*, Edinburgh, Edinburgh Univ. Press, 1999.

Rich, Adrienne, “Notas para uma política da localização”. Tradução de Maria José Gomes, in Macedo, *Género Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Lisboa, Cotovia, 2002.

Rich, Adrienne, *Blood, Bread and Poetry: Selected Prose 1979-85*, London, Virago, 1987.

RICH, Adrienne. “Notes Towards a Politics of Location.” In: RICH, Adrienne. *Blood, Bread and Poetry: Selected Prose 1979-85*. London, Virago, 1987. p. 210-231.

Riley, Denise, *Am I That Name? Feminism and the Category of ‘Women’ in History*, London, Macmillan, 1988.

Segal, Lynne, “Feminist Futures”. *Keywords* (3), 2000, pp. 10-21.

Showalter, Elaine. *The New Feminist Criticism: Essays on Women, Literature and Theory*. London, Virago, 1981.

Stanford Friedman, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton U. P., 1998.

Suleiman, Susan Rubin, *Subversive Intent: Gender, Politics and the Avant-garde*, Cambridge, Mass, Harvard U.P., 1990.

Suleiman, Susan Rubin, *The Female Body in Western Culture*, Cambridge, Mass., Harvard U.P., 1986.

Turner, Victor, “Frame, Flow and Reflection: Ritual and Drama as Public Liminality”, in Michael Benamou and Charles Caramello (eds.), *Performance in Postmodern Culture*, vol.1 of Kathleen Woodward (ed.), *Theories of Contemporary Culture*, Madison, Coda Press, 1977.

Wolff, Janet, The artist, the critic, the academic: feminism’s problematic relationship with ‘Theory’”, in Katy Deepwell ed., *New Feminist Art Criticism*, Manchester and New York: Manchester U. P. , 1995, pp.14- 19.

Woolf, Virginia, “Professions for Women.” In: BARRETT, Michèle (ed.). *Virginia Woolf: Women and Writing*. Virago: London, 1931. p. 57-63.

Catálogos:

Joana Vasconcelos, ADIAC, Lisboa: Corda Seca, 2007.

Louise Bourgeois, Francis Morris ed., London: Tate, 2007.